

## As representações das mulheres em *Histórias* de Heródoto

### The representations of women in Herodotus' Histories

**Maria Alice Messias Conforti de Carvalho**

Graduanda em História  
Universidade de Brasília  
messiaslilica@gmail.com

**Recebido em:** 12/10/2020

**Aprovado em:** 23/11/2020

**Resumo:** O presente artigo procura explorar o significado por trás das diferentes representações da figura feminina em *Histórias* de Heródoto. Seus métodos historiográficos saíram do ortodoxo e permitiram que muitas figuras que até então não possuíam destaque pudessem ser vistas como agentes importantes no processo de “fazer História”. Isso inclui imigrantes, servos e, claro, mulheres. A percepção de diferentes autores quanto ao tema e ao significado disto para o próprio Heródoto será debatida. O artigo é, portanto, expositivo-argumentativo e, para fins de maior coesão textual entre os tópicos, apresentará breves introduções para cada tópico, explicando o que será trabalhado e como isso se relaciona como o tema central.

**Palavras-chave:** Heródoto; História Social; História das Mulheres

**Abstract:** The present article intends to explore the meaning behind the different representations of the female figure in *Histories* from Herodotus. His unorthodox historiographic methods allowed for many figures that until then were overshadowed to be seen as important agents in the process of “making History”. That includes immigrants, servants and, of course, women. The perceptions of different authors on this subject and its meaning to Herodotus himself will be debated. The article is, therefore, expository-argumentative, for the purpose of better textual cohesion between the topics, brief introductions will be showcased, at the beginning of every topic, explaining what will be debated, and how it relates to the central theme.

**Keywords:** Herodotus; Social History; Women's History

#### Introdução

Conhecido por muitos como o primeiro historiador de todos os tempos, Heródoto se destacou por possuir uma prosa única, que conquista leitores mesmo quase 2500 anos depois de sua escrita original. Sua atenção e fascinação por aspectos culturais diferentes daqueles que conhecia na

Grécia também geraram muito debate, na época e atualmente. Dentre os aspectos únicos de sua escrita, estão as representações de mulheres na sua obra *Histórias*. E é sobre isso que o seguinte artigo irá falar.

No artigo intitulado “*Gênero: uma categoria útil para análise histórica*” a autora Joan Scott reflete sobre o estudo da História das Mulheres como é hoje. Em determinado momento, a autora salienta a marginalização da História das Mulheres no campo da historiografia, como uma área que não se comunica com os estudos mais tradicionais e “sérios”, como a História Política (SCOTT, 1995, p. 89).

O que se busca demonstrar com esse artigo é demonstrar como a inclusão das mulheres na História “tradicional” é uma questão de escolha historiográfica que leva em conta o local da mulher na sociedade da época, mas que não elimine seu grau de importância como indivíduo ativo no fazer histórico independente do gênero. Em *Histórias*, Heródoto conseguiu realizar esta pesquisa, e será mostrado como, evidenciando as figuras femininas que colocou através da obra que foram peças-chave na continuação da narrativa.

Um tema bastante estudado pelos grandes pesquisadores clássicos, as mulheres em *Histórias* geram muitos debates sobre as intenções por trás desses retratos da figura feminina nos tempos antigos. Alguns autores como Carolyn Dewald enxergam uma escolha proposital de Heródoto em adicionar mulheres em papel de destaque em seus relatos. Já outros pesquisadores, como Vivienne Gray, encaram a questão de gênero nas *Histórias* como algo muito menos importante para o autor da obra do que, por exemplo, a questão de classes.

Nesse artigo, procura-se expor esses dois lados da questão, e entender também a figura de Heródoto, mostrando porque o próprio autor, como indivíduo, se torna um aspecto importante para a compreensão de ambos os argumentos.

O texto será feito de forma expositiva, trazendo as ideias de diferentes autores em relação ao debate teórico. As maiores autoras utilizadas serão Dewald e Gray, por serem grandes nomes no tema e possuírem um dos materiais mais extensos a esse respeito.

No entanto, é importante salientar que os artigos destas duas autoras que serão utilizados são relativamente antigos (Dewald, 1981 e Gray 1995), o que pode ocasionar uma certa falta de

“atualização” quanto ao estado do debate atualmente. Para combater esse efeito, serão utilizados artigos de autores que, apesar de menos conhecidos, são mais atualizados e ainda conseguem suportar a temática.

O texto será dividido em três tópicos. O primeiro falará mais sobre a figura de Heródoto e como ela se relaciona com suas escolhas narrativas em *Histórias*, incluindo a questão das mulheres. O segundo tópico, e principal, explicitará o debate central, das diferentes percepções sobre as intenções de Heródoto ao escrever sobre a figura feminina, da maneira como escreveu. O terceiro tópico abordará brevemente um assunto também pertinente, que é o retrato de Heródoto em relação ao *oikos*.

É importante lidar com esse tópico pois diversos autores citam a importância que Heródoto dá ao *oikos* em *Histórias* e como isso contribuiu para que a percepção do papel das mulheres naquele tempo também mudasse.

O último tópico se estende sobre a figura das Amazonas e sua relação com os jovens Citas no livro IV de *Histórias*, importante de ser debatido por seu caráter completamente novo ao que se foi visto até então a respeito das representações femininas na obra.

Assim, espera-se que esse artigo consiga mostrar de maneira clara e concisa as diversas facetas por trás das representações das mulheres em *Histórias*, e a importância de um debate como esse até os dias de hoje.

### **A Figura de Heródoto**

Este tópico tratará das características singulares de Heródoto em relação aos seus critérios historiográficos (o que julgava ou não importante de ser retratado) e como isso impactou direta e indiretamente as representações de mulheres em *Histórias*. Para isso, será dado um contexto sobre seu método de escrita e também haverá uma breve explicação sobre os métodos de Tucídides, para fins de contraste e ênfase na singularidade de Heródoto.

A preocupação de Heródoto em contextualizar seu conteúdo, de maneira que escrevesse o que julgasse ser o mais imparcial possível, é uma de suas características mais peculiares. No começo de seu livro *Herodotus: A Very Short Introduction* (2011), a historiadora Jennifer T. Roberts sugere que

“Heródoto manifesta uma forte crença de que, para se compreender História, é preciso entender origens”<sup>1</sup> (ROBERTS, 2011, p. 28). Isso é perceptível durante toda a leitura de *Histórias*.

Ainda segundo Roberts (2011, p. 3), estas extensas contextualizações vêm de um próprio interesse do autor em *conhecer*. Diferentemente do retrato que se tem dos gregos da época, de figuras autocentradas e adversas a culturas e povos estrangeiros, Heródoto parecia ter uma profunda vontade de aprender o máximo que poderia sobre outros povos e seus estilos de vida.

Heródoto, durante toda a obra, dedica muitas páginas a explicar as origens de diversos povos. Muito de sua escrita de *Histórias* foi baseada em relatos de pessoas de diferentes etnias coletados por ele próprio em suas viagens. Um destaque desse método é que

[...] Heródoto não trata o estrangeiro como um ser à parte, diferente, que deve, portanto, ser afastado do convívio com os helenos, mas, pelo contrário, o nosso historiador demonstra simpatia pelo hibridismo cultural e político entre helenos e bárbaros, principalmente pelos egípcios. (SILVA, 2015, p. 44)

A autora ainda defende que, por essa razão, Heródoto vai além do campo da História e da historiografia, chegando até a antropologia e a etnografia “ao centrar-se na análise comparativa dos povos, buscando em suas origens as explicações para suas diferenças culturais e históricas.” (SILVA, 2015, p.45).

Esta tendência em contextualizar e levar em consideração diferentes culturas é o que leva Heródoto a conseguir representar mulheres em lugares de destaque em *Historias* (BLOK, 2002, p. 226). Segundo Blok, Heródoto, ao contrário de Tucídides, por exemplo, não julga que as ações de indivíduos que impactaram a História vêm de sua natureza, mas sim dos costumes e do natural do povo ao qual eles pertencem, seu *nomos* (BLOK, 2002, p. 227). Assim, o papel de gênero nas sociedades acaba por afetar o que acontece nelas.

Heródoto também traz destaque às mulheres por ter a necessidade de retratar histórias específicas que oferecem contexto a um cenário maior. Isso acontece porque, naquela época, mulheres, se não fossem rainhas, dificilmente teriam a oportunidade de fazer parte da tomada de grandes decisões de forma oficial. Assim, ao focar não apenas nos líderes de “grandes feitos”

---

<sup>1</sup> No original: “Herodotus manifests a strong belief that to understand history, one must understand origins” (ROBERTS, 2011, p. 28).

históricos, mas também nas histórias por trás desses heróis, a mulher possui sua oportunidade de aparecer como indivíduo ativo.

Exemplo disso é a história que Heródoto conta para dar contexto a figura histórica de Ciro. Quando ainda era recém-nascido, seu avô, o rei Astíages, sonhou que Ciro um dia iria tomar seu lugar como rei e mandou que seu parente, Hárpago, o matasse. Hárpago não teve coragem de matar um bebê, ainda mais parente seu e da realeza, e incumbiu a tarefa a um escravo do próprio Astíages. Este escravo possuía uma esposa que respondia pelo nome de Spaco<sup>2</sup>, e que tinha acabado de dar à luz um bebê morto. Ao ouvir de seu marido às ordens de matar o bebê neto de Astíages, a mulher propôs ao seu marido que faça uma troca: mostre como evidência seu filho que já nasceu morto e os dois criam Ciro como próprio (HERÓDOTO, I, CVIII – CXIII).

Se não fosse por Spaco, a figura talvez mais importante de *Histórias* não teria sequer existido. A escolha narrativa de Heródoto de investir na contextualização e origem de seus personagens foi o que tornou possível saber da existência desta mulher que, mesmo não possuindo uma posição social de importância foi uma peça-chave para a sucessão de diversos acontecimentos na obra.

É pertinente colocar a análise de Blok (2002, p. 226) sobre Tucídides e seu método historiográfico para fins de contraste aos métodos de Heródoto. Segundo a autora, Tucídides foca apenas nos principais envolvidos em feitos históricos e por isso

[...] sua abordagem inevitavelmente produziu uma historiografia em que mulheres não poderiam ter a expectativa de serem figuradas como agentes históricos. Ao invés disso, elas eram retratadas como sendo sujeitas a sua natureza feminina que, por representar o lado vulnerável dos estados em guerra, só poderiam ser exibidas como pano de fundo para o que era historicamente significante. (BLOK, 2002, p. 226)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Segundo Heródoto, esse não era seu nome verdadeiro. Spaco queria dizer “cadela”, o que reflete a posição sub-humana dos escravos na sociedade grega antiga. (HERÓDOTO, I, CX).

<sup>3</sup> No original: “[...] his approach inevitably produced a historiography in which women could not be expected to figure as historical agents. Instead, they were conceived of as being subject to their feminine nature which, by representing the vulnerable side of the warring states, could only feature as a backdrop to what was historically significant.” (BLOK, 2002, p. 226)

Assim, enquanto Tucídides menciona mulheres como um todo apenas 20 vezes e outras seis pelo nome, Heródoto as referenciam cerca de 375 vezes (BLOK, 2002, p. 226). Percebe-se assim como o historiador teve uma grande contribuição nas representações de mulheres na História Antiga.

### **Interpretações sobre Intenções**

Enquanto o tópico anterior teve por objetivo consolidar o tipo de historiador que Heródoto era e como isso contribuiu para as representações de mulheres em sua obra, esse tópico pretende debater as intencionalidades por parte destas representações. Isso é importante para compreender alguns dos pensamentos atuais quanto a possível visão de Heródoto em relação ao próprio tema.

Para isso, o tópico irá se dividir entre dois pensamentos considerados essenciais para a discussão, explicitando as justificativas dos autores.

Iniciando pela teoria de Carolyn Dewald, amplamente trabalhada em seus artigos *Biology and Politics: Women in Herodotus' "Histories"* de 1980 e *Women and culture in Herodotus' "Histories"* de 1981. A autora defende a teoria de que o retrato das mulheres em *Histórias* foi algo premeditado por Heródoto, de que por parte do historiador “um esforço real é feito para descrever mulheres como elas eram ou pelo menos como Heródoto pensava que elas poderiam ser” (DEWALD, 1981, p. 94)<sup>4</sup>.

Esta alegação implica que Heródoto é um dos principais agentes para a mudança teórica de se enxergar as mulheres daquela época além de seres passivos, pouco melhores que escravos (DEWALD, 1980, p. 11). Não só isso, como infere que o historiador fez de maneira proposital em seu método historiográfico.

A autora justifica seu argumento explicando que Heródoto não faz juízo de valor das ações tomadas por figuras femininas baseado no seu gênero como muitos autores tendem a fazer quando implicam que atos deploráveis são ainda piores quando feitos nas mãos de uma mulher (DEWALD, 1980, p. 14). Exemplo disso seria seu retrato de Améstris ao enterrar vivas catorze crianças (HERODOTO, VII, CXIV). Enquanto muitos acadêmicos modernos retratam o acontecimento como a “essência sanguínea e selvagem da feminilidade” (DEWALD, 1980, p. 14), Heródoto o usa

---

<sup>4</sup> No original: “[...] a real effort is made to describe women as they were or at least as Herodotus think they must have been.” (DEWALD, 1981, p. 94)

para exemplificar outro acontecimento de enterros vivos por persas, mostrando ser um ritual comum, mas sem fazer um juízo de valor sobre.

Outro exemplo memorável e muito debatido quando se fala das representações de mulheres em Heródoto, é a história da esposa de Candolo e o (então) escravo Gigés. Candolo, então comandante da Lídia, era obcecado pela beleza de sua esposa e se gabava sempre para seu guarda, Gigés. No entanto, Candolo não julgava suficiente as concordâncias de Gigés a suas afirmações da beleza indiscutível de sua esposa, e resolveu que o subordinado deveria vê-la com os próprios olhos. Gigés, sem poder de escolha, foi posto no quarto do casal em um local escondido em que poderia ver a esposa de seu superior se despindo. Ela notou, manteve a compostura, mas no dia seguinte mandou chamar Gigés e lhe deu um ultimato: para solucionar o constrangimento que passou, o escravo teria que se matar ou então matar a Candolo e assumir o trono da Lídia, virando seu mais novo marido. Gigés, forçado, escolhe a segunda opção, e mata Candolo de acordo com o plano da mulher, no mesmo lugar em que antes a havia visto nua (HERÓDOTO, I, VIII-XII).

Segundo Bottini (2018), Heródoto toma cuidado para demonstrar respeito para com a esposa, vítima de uma humilhação por seu marido. Este ato de respeito vem de uma tradição ateniense de não citar o nome de mulheres em público, sendo esta então uma escolha proposital de Heródoto. Bottini também diz ter sido proposital a escolha da narrativa desse acontecimento focando na esposa, ao contrário do que Platão fez em *República*, mantendo o foco no servo e no assassinato do Candolo (BOTTINI, 2018, p. 5).

Voltando a Dewald, a autora também parece enxergar que Heródoto escreve com um olhar de alteridade a questão de gênero. Em diversos trechos de seu texto, é argumentado que as mulheres são retratadas pelo historiador grego como mais capazes de ter sucesso em seus objetivos do que os homens, por serem mais racionais e analíticas ao tomar uma decisão e também por suas ações serem tomadas de acordo com a moral social (DEWALD, 1980, p. 13, 15, 18). A esposa de Candolo então, sucede porque mantém a compostura no momento e toma suas decisões pensando no ato de ser vista nua como um constrangimento social. Seu marido falha porque decidiu ir contra as morais previstas em sua sociedade e porque agiu de maneira inescrupulosa.

E é justamente nesse ponto que Vivienne Gray mais discorda de Dewald. Em seu artigo *Herodotus and the Rhetoric of Otherness*, a autora diz que a alteridade de Heródoto não vem da questão de

gênero, mas sim de uma construção do que ela chama de “alteridade real bárbara”<sup>5</sup>(GRAY, 1995, p. 186).

Em relação ao argumento de Dewald da alteridade de gênero, Gray diz que a autora propositalmente escolhe ignorar histórias em que não acontece da mulher conquistar seus objetivos para caber na sua narrativa. Ela cita como exemplo duas histórias parecidas. Na primeira história, a esposa de Xerxes acredita que a mulher de seu cunhado é responsável pelo caso que Xerxes mantém com a filha de seu irmão e se vinga por meio de um plano que culmina nela mandando os guardas mutilarem a esposa de seu cunhado (HERÓDOTO, IX, XI). Na segunda história, o rei de Esparta, já casado, cobiça a mulher de seu amigo e o obriga a cedê-la a ele, largando sua então esposa. (HERÓDOTO, VI, LXII).

Enquanto na primeira história a esposa de Xerxes realmente acaba por conseguir o que queria através de racionalização e paciência, como defende Dewald, na segunda tanto a mulher abandonada quanto a “roubada” não possuem o menor controle da situação e não são mostradas como agentes de sua narrativa (GRAY, 1995, p. 188).

Em relação ao termo “alteridade real bárbara” (GRAY, 1995, p. 186), Gray o usa para descrever seu argumento que será justificado durante boa parte do artigo: a alteridade nas *Histórias* vinha mais de uma diferenciação de classe do que de gênero. Para a autora, o foco de Heródoto estava em mostrar o poder da realeza sobre seus súditos, não importando o gênero dos envolvidos.

Um exemplo muito esclarecedor desse argumento é a visão que a autora tem sobre a história da esposa de Candolo. Segundo ela, o ponto de alteridade está entre o rei e sua esposa em relação ao servo, já que ambos o manipulam usando de suas posições sociais para que esse fizesse o que queriam (GRAY, 1995, p. 203).

É possível ver assim como as autoras divergem em relação ao que interpretam serem as intenções de Heródoto ao construir *Histórias* e os seus agentes. No entanto, é importante frisar que, independentemente se houve um objetivo por trás ou não, é indiscutível o fato de Heródoto ter trazido as mulheres a um papel de destaque que antes não possuíam na História Antiga. Nesse tópico foi possível enxergar diversos exemplos de acontecimentos conhecidos de *Histórias* que foram

---

<sup>5</sup> No original “royal barbaric otherness” (GRAY, 1995, p. 186)

narrados pelo historiador de uma maneira diferente do usual, em que as mulheres possuíam uma voz dentro da narrativa.

## Oikos

Durante a pesquisa dos tópicos discutidos anteriormente, percebeu-se, dentre alguns dos autores citados, uma grande importância dada ao *oikos* e sobretudo à maneira como Heródoto o inseria na narrativa. Esta importância parece lógica quando se sabe como a figura da mulher grega antiga está atrelada ao ambiente interno do *oikos*.

Por isso, julga-se necessário expor brevemente as interpretações desses autores quanto ao valor dado ao *oikos* por Heródoto e como isso afetou as representações das mulheres em sua obra.

Ao começar por Bottini (2018), havia sido trabalhada anteriormente a ideia de Heródoto ter retratado mulheres como responsáveis pela preservação dos bons costumes e dos valores sociais. Esta ideia se repete ao falar sobre a esposa de Candolo e sua justificativa para obrigar o servo Gigés a decidir entre matar seu mestre ou ser morto (HERÓDOTO, I, XII). Para Bottini, a intenção de Heródoto quanto ao ato da rainha não era de crueldade ou vingança, mas sim como atitude necessária para que se mantenha a ordem e moralidade dentro do *oikos*, permitindo que se prossiga a passagem de poder de uma dinastia para a outra (BOTTINI, 2018, p. 8).

Bottini salienta, também, que, na maior parte de *Histórias*, mesmo as mulheres que exercem algum tipo de papel importante nas narrativas ainda são mostradas no espaço interno do *oikos* (BOTTINI, 2018, p. 10). Para o autor, no entanto, isso não deve ser visto como uma representação negativa da figura feminina, muito pelo contrário. Em sua opinião, a principal intenção de Heródoto com isso era mostrar a importância que o ambiente doméstico possuía na tomada de decisões políticas (BOTTINI, 2018, p. 10).

Em Blok (2002, p. 242), esse argumento se preserva para dizer que foi devido a esta valorização da vida doméstica e de perceber que as entrevistas mais interessantes seriam feitas entre quatro paredes que Heródoto conseguiu se destacar como um escritor que não só ensinava, mas entretinha. Também diz a autora que estas pesquisas dentro do *oikos* permitiram ao historiador perceber que as relações entre homens e mulheres eram *mutualmente* dependentes para o funcionamento social, cada um possuindo suas forças e deficiências (BLOK, 2002, p. 242).

É interessante notar que, segundo esses dois autores, a valorização de Heródoto pelo *oikos* foi o que lhe fez perceber o valor da mulher na sociedade grega antiga. Para Carolyn Dewald, no entanto, o processo na verdade é o contrário.

Segundo a autora, a representação do *oikos* de maneira extensa e complexa em *Histórias* foi feita justamente com a intenção por parte de Heródoto de desmistificar a figura da mulher “presa” ao *oikos* e mostrar que esse não era abrigo e tampouco um escape do mundo público, mas sim sua própria essência (DEWALD, 1980, p. 18). A autora explica:

O que ele mostra repetidamente é que a sociedade é um produto conjunto de mulheres e homens, e que a continuidade do *oikos* ao longo do tempo, sua capacidade de se renovar em cada geração que se sucede, era todo o objetivo da política Grega (DEWALD, 1980, p. 18)<sup>6</sup>.

Isso acaba por demonstrar uma representação das mulheres no *oikos* que vai além da visão errônea da imagem de “donas de casa” (uma análise anacrônica inclusive quando a análise do próprio *oikos* e seu funcionamento). A mulher então, é um agente político. Portanto, a “divisão sexual trabalho e da sociedade” na Grécia Antiga talvez não seja algo tão definido como se hoje popularmente crê.

Todos esses argumentos acabam por comprovar a maior característica de Heródoto: seu amplo interesse por diferentes contextualizações o torna veículo para vozes muitas vezes não ouvidas.

### **As Amazonas**

Se julgou necessário um tópico específico para se falar sobre a importância e a particularidade das Amazonas na análise da figura feminina em *Histórias*. Contada no livro IV, Melpômene (CX-CXVII), a história das Amazonas foi retratada para dar contexto a origem do povo Saurómata, que são ancestrais da união das Amazonas (ou Aiórpatas, como chamam os Citas) com jovens homens Citas.

Segundo o relato de Heródoto, as Amazonas haviam perdido uma batalha com os gregos e foram levadas como prisioneiras em três de seus navios. No entanto, no meio do mar, elas

---

<sup>6</sup> No original: “What he shows repeatedly is that society is the joint product of women and men, and that the continuity of the *oikos* over time, its capacity to renew itself in each succeeding generation, was the whole point of Greek politics” (DEWALD, 1980, p. 18).

conseguiram tomar os barcos e matar os gregos. Como não entendiam de navegação, acabaram à deriva até que finalmente atracarem acidentalmente em território Cita. Assim que chegaram, roubaram os cavalos e montaram neles para saquear as terras dos Citas.

Os Citas primeiramente revidaram, achando que os responsáveis eram homens. Tinham ficado completamente admirados com aqueles inimigos, que vieram tão inesperadamente e cujas roupas e língua sequer reconheciam. No entanto, após acabarem por descobrir o gênero do adversário, decidiram mudar a estratégia. Mandaram os seus mais jovens para ficarem perto delas, de forma passiva, e se aproximarem aos poucos, julgando ser uma boa ideia terem eventuais filhos com estas mulheres.

Eventualmente, depois de um convívio em que imitavam tudo que as Amazonas faziam, os rapazes conseguem criar vínculos e se relacionarem com elas. Os jovens citas chamam as guerreiras para voltarem com eles para suas terras e virarem suas esposas, prometendo fidelidade e bens. As Amazonas, no entanto, são categóricas. Elas explicam:

[...] Seus costumes são diferentes dos nossos: atiramos com o arco, lançamos o dardo, montamos a cavalo e não aprendemos os misteres próprios do nosso sexo. Vossas mulheres nada disso fazem e não se ocupam senão de trabalhos femininos. Não abandonam suas carretas, não vão à caça e nem se afastam do lar. Por conseguinte, nossa maneira de viver jamais se coadunaria. [...] (HERÓDOTO, IV, CXIV)

Elas então fazem uma contraproposta: se os rapazes quiserem que elas continuem sendo suas esposas, voltem para sua terra, falem com seus pais, peguem os bens que lhes pertencem e retornem para o lado delas. Eles concordam. Depois disso, elas sugerem que as acompanhem para povoar outro lugar, o que eles também obedecem. Assim então, criou-se o povo Saurómata, cujas mulheres caçam, montam a cavalo e lutam com os homens e cujos princípios se mantêm tão intactos aos de suas ancestrais que não podem se casar antes de terem matado seu primeiro inimigo.

Esta história se mostra singular no que diz respeito às representações das mulheres em *Histórias* ao retratar papéis de gêneros de uma maneira nova, praticamente “invertida” se comparada a cultura grega, como defendem Brown e Tyrell (1985, p. 299). Mesmo que tenham sido os Citas que tiveram a decisão inicial de “conquistar” as Amazonas, rapidamente os jovens encarregados desta função percebem que só conseguirão se aproximar imitando todos os comportamentos das guerreiras. Os autores defendem que, a partir de então, o papel dos jovens na relação é de

“seguidor”, meramente acatando as sugestões de suas agora companheiras (BROWN e TYRELL, 1985, p. 299).

A própria intenção inicial de conquista para que as Amazonas absorvessem a cultura e os costumes Citas e gerassem bebês para eles também se reverteu, sendo elas que levaram os homens Citas para gerar sua própria sociedade. Uma fala muito importante das Amazonas é que elas não podem ser como as mulheres Citas pois estas “não saem de longe do lar”. Logo, há inclusive a negação da cultura do *oikos* e do papel da mulher nele.

Outro fato que mostra a inversão dos papéis de gênero é o próprio papel narrativo que as Amazonas e os jovens Citas servem à História. Se nos outros exemplos que vimos anteriormente as mulheres tinham a função social principal de esposas e eram assim introduzidas em suas histórias, aqui o papel será contrário. Enquanto as Amazonas são primeiramente introduzidas como guerreiras, os jovens Citas já começam a história com a única função de serem associados a elas e terminam ainda mais submissos às suas vontades, renegando inclusive seus pais e seu país para acompanhá-las pelo mundo.

De novo, é percebido aqui os tipos de histórias que Heródoto permitiu serem vistas ao escrever sobre uma cultura que além da grega e de uma perspectiva que além da hegemônica. Este breve relato, feito apenas para contextualizar o leitor de *Histórias* quanto a origem do povo Saurómata, já nos dá uma amostra de representação das mulheres na Antiguidade muito mais ampla do que se é normalmente visto.

## Conclusão

Já era um fato reconhecido que Heródoto proporcionou grandes representações de mulheres em sua obra *Histórias*. O presente artigo teve como intuito, no entanto, “dissecar” as implicações por trás destas representações. O que isso diz sobre Heródoto como historiador? Como sua escolha de objeto de estudo afeta esta questão? O que se pode interpretar quanto às suas intenções ao escrever de tal forma? Como a questão de gênero e o *oikos* se conectam em relação a tal debate? Estas foram as principais perguntas propostas a serem discutidas pelo artigo para fazer um mergulho mais complexo na temática.

Contudo, muitas destas questões continuam em aberto. Ainda não sabemos e provavelmente nunca saberemos concretamente quais foram as intenções por trás das escolhas historiográficas de Heródoto em relação a gênero. Não é possível dizer com certeza que havia uma intencionalidade em se mostrar mulheres em local de destaque por meio de histórias menos faladas. O que se pode afirmar apenas é que estas representações aconteceram, e graças ao olhar historiográfico diferenciado que Heródoto teve.

É importante salientar a pluralidade destas representações. Como foi exemplificado no texto, a mulher foi representada de diferentes formas. Como mantenedora da ordem social e política, como esposa, como guerreira, como conselheira, como precursora de novas sociedades (e aqui não apenas se referindo ao papel de reproduzir). E todas foram essenciais para a continuação da narrativa e coesão da obra.

Se comprova assim que a razão da História das Mulheres existir como um “recorte”, uma área específica de pesquisa, é porque a historiografia tradicional talvez esteja ainda muito focada nos “grandes nomes e feitos” e não nos contextos a que estão inseridos. A historiografia tradicional atualmente está mais para Tucídides do que para Heródoto.

Muitas vezes pensa-se que mulheres não participaram de momentos críticos da História devido à posição social em que se encontravam. Contudo, o que se percebe com Heródoto é que o modo como a narrativa é construída e como o método historiográfico é realizado pode contribuir para que a mulher seja percebida como agente e indivíduo complexo e completo em diversos pontos da História.

## Referências Bibliográficas

### Fontes

Heródoto. *História*. Traduzido do grego por Pierre Henri Larcher. Disponível em <[www.ebooksbrasil.org/adobebook/historiaherodoto.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/historiaherodoto.pdf)>. Último acesso em 04 mar. 2020

### Bibliografia crítica

BLOK, Josine. **Women in Herodotus' Histories**. In Brill's Companion to Herodotus. Leiden/New York/Köln: Brill, pp. 225-242, 2002.

BOTTINI, Vittorio. **Women in Herodotus's Histories: an analysis of the role of Candaules's wife and Spako in book 1.** *In* Persephone: The Harvard Undergraduate Classics Journal, Cambridge: Harvard University, Department of Classics, Vol. 3, pp. 2-13, 2018.

BROWN, Frieda S., and TYRELL, Wm Blake. **Ἐκτιλώσαντο: A Reading of Herodotus' Amazons.** Minnesota: The Classical Journal, vol. 80, no. 4, pp. 297-302, 1985. JSTOR, [www.jstor.org/stable/3296811](http://www.jstor.org/stable/3296811). Accessed 4 Oct. 2020.

DEWALD, Carolyn. **Women and culture in Herodotus' Histories.** *In* Women's Studies: An inter-disciplinary journal, New York: Gordon and Breach Science Publishers, Vol. 8, pp. 93-127, 1981.

DEWALD, Carolyn. **Biology and Politics: Women in herodotus' "Histories".** *In* Pacific Coast Philology, Pennsylvania: Penn State University Press on behalf of the Pacific Ancient and Modern Language Association (PAMLA), Vol. 15, pp. 11-18, 1980.

GRAY, Vivienne. **Herodotus and the Rhetoric of Otherness.** *In* The American Journal of Philology, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, Vol. 116, No. 2, pp. 185-211, 1995.

ROBERTS, J.T. **Herodotus: A Very Short Introduction.** Oxford: Oxford OUP, June, 2011.

SILVA, Maria A. O. **Heródoto e suas *Histórias*.** São Paulo: Revista de Teoria da História, Número 13, pp. 39-51, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Porto Alegre: Revista Educação & Realidade, Volu. 20, No. 2, pp. 71-99, 1995.